

Argentinos não esperam novidades

por Marcelo Cantelmi
da Reuters

A recente mudança ocorrida na equipe econômica brasileira provocou desânimo nos meios empresariais argentinos que esperavam uma melhora do crescente déficit comercial com o vizinho de dimensões gigantescas como resultado da gestão do ex-ministro Haddad.

"Apesar das mudanças, aparentemente não há nenhuma alteração política à vista. Eles (os brasileiros) continuam exportando e eu acho que esta atividade se intensificará", disse o líder dos produtores agrícolas.

As pressões políticas tornam improvável qualquer mudança importante da política econômica brasileira, afirmam líderes empresariais e economistas.

Nora Balsarotti, economista da Fundação Latino-Americana de Pesquisa, financiada com capital privado, diz que "no Brasil existem setores protegidos, subsidiados. Acho que é muito difícil, nas atuais circunstâncias, que o Brasil subordine sua política econômica em favor do Mercosul".

Segundo o operador da Bolsa de Valores de Buenos Aires, Franklin Williams, é improvável que o novo ministro da Economia do Brasil, Eliseu Resende, introduza as modificações estruturais necessárias para reduzir o déficit orçamentário do governo, combater a inflação e colocar a economia no caminho da recuperação.

"A integração não tem condições de se realizar en-

quanto existem tais desequilíbrios no Brasil, que subsidia a agricultura, a energia e outros setores", acrescentou Navarro, chefe das Confederações Rurais da Argentina, que congrega um influente setor dos produtores do país. "Esta distorção dos preços relativos deve piorar."

Enquanto as importações do Brasil para Paraguai e Uruguai subiram 9% e 20%, respectivamente, no ano passado, para a Argentina a situação foi muito pior. Com a taxa cambial argentina fixa, o déficit comercial da Argentina com o Brasil pulou para US\$ 1,5 bilhão em 1992, em comparação com US\$ 30 milhões em 1991. Seu déficit comercial geral foi de US\$ 3 bilhões, em comparação com um superávit de US\$ 3,7

bilhões em 1991. "É preciso ver quais serão as primeiras medidas a ser tomadas pelo novo ministro... mas não acredito que possamos esperar mudanças fundamentais a curto prazo na economia brasileira", acrescentou.

Os líderes empresariais previram que a incapacidade de o Brasil colocar ordem na casa constituirá uma permanente dor de cabeça para seus sócios do Mercosul.

"Os problemas do Mercosul são sempre os mesmos — a crise na economia brasileira", afirmou Alberto Ibañez, um diretor do conglomerado industrial Techint. "É como estar na cama com uma pessoa gorda. Toda vez que ela se vira, você corre o risco de ficar esmagado."